

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	18.007.1974
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

CARTAS DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

A PROPÓSITO DAS ELEIÇÕES

Já começou, no Brasil, a disputa publicitária na melancólica promoção dos indefectíveis candidatos às próximas eleições para senadores e deputados (federal e estaduais). É uma época de escassa imaginação. Carros propositadamente velhos (para sugerir modestia) circulam de bairro em bairro apregoando **slogans** que vão do mau gosto ao primarismo. As eleições vão ser em Novembro. No Brasil, como sabem, só há dois partidos: — «ARENA, que é a base tranquilizadora do Governo, e um outro: M.D.B., que faz o papel de oposição. Ambos, porém, insistem nos velhos mitos Democracia e Liberdade. O primeiro, porém, antepõe a tudo Segurança e Desenvolvimento.

Por lei, é concedido aos candidatos o direito de verborreia durante alguns minutos no **video** a preto e branco. Aqui, no Rio de Janeiro, cidade de cinco milhões de habitantes, só cerca de dois milhões têm o privilégio de votar.

Eu, embora omisso a esse dever, sou obrigado a ouvi-los, vê-los em retratos, folhetos, faixas nas ruas, e em **slides**. Ao fim e ao cabo, o Governo acabará vencendo. Terá todas as maiorias, pois a única que persistência desde 1965 à oposição, que, aliás, briga permanentemente entre si, era a carioca que por sortilégio oficial entra agora em fusão com o estado do Rio, mais acessível às promessas da ARENA.

Enquanto isto acontece no Brasil, parece que em Portugal, de modo talvez ainda vago, se admite a hipótese de que voltará a haver eleições (por certo agora livres) desde que haja partidos que tenham os seus programas oficialmente aprovados.

Agora, deixo os factos. Eu, por mim, confesso que não gosto de eleições. É que carrego na lembrança a realidade dos vinte e poucos anos da República de 1910. A República

nasceu para mim na praia de Pedrouços, e a ela dei os muitos e alegres **vivas!** do meu espírito infantil. Vivas que me levaram mais tarde a frequentar cafés de carbonários. Porém, nunca me filiei em partido, nunca fui a comícios, e nunca votei. De acto cívico lembro-me apenas, como aluno do Camões, de ter plantado uma árvore no jardim diante do Maticeuro. E se nunca votei foi porque sempre me pareceu absurdo votar em homens, e não em doutrinas revolucionárias. E a República que teve grandes oradores, nunca se fixou de facto, em nenhuma ideologia. Seus ídolos, porque na verdade existiram, nunca tentaram recriar a nação em novas bases sociais. Não quero citar nomes. Mas foi atrás de nomes que se inventaram partidos, partidos que se digladiaram na ambiciosa luta de ocupar o Poder, em que se perdiam em desentendimentos demagógicos, levados muitas vezes às últimas consequências. Foi uma época cheirando a dinamite. Época, é certo, com um sabor tragicómico, que, confesso me deleitava por ser uma espécie de **surrealismo**, não literário, mas só anárquico. Que me acuse quem não conheceu o encanto de ser rebelde aos vinte anos. Mas, infelizmente, foi esse clima de anarquia, repito **surrealista**, que tornou possível as nuvens negras do 28 de Maio. Veio Salazar. As trevas, o castigo, o purgatório. Para voltar a ser jovem, tive de vir para o Brasil. Aquele homem fatal, de **boca sem lábios, e que podia**, — naquela altura conturbado do mundo, ter criado três Brasis (Guiné, Angola, Moçambique), novos países irmãos, teimou, por orgulho, em manter na situação de indigência, — sem nome, guerra, lei, sem **abecê**, vinte milhões de africanos, — sendo esta a única fórmula que encontrou para manter o império da sua vaidade, porque

como disse recentemente Gilberto Freire, «foi o homem mais vaidoso que conheci».

Ao primeiro grito da rebelia na África, vá de mandar soldados. Exércitos partiram sem cessar. O passado, fechando olhos e ouvidos ao futuro. E a guerra alastrando. E o mundo sem compreender. Foi preciso quase meio século para que, limpando a última lágrima de rimoso, o Exército Português fizesse o 25 de Abril. Começa o mundo a aceitar de novo Portugal. Menos, é claro, aqueles que enriqueciam com a guerra, e aqueles que exploravam o ser humano nascido nas selvas da África. Portugal renasce. Pensa em recriar-se. E como disse aí em cima, volta a falar-se em eleições. E com respeito a eleições em Portugal, eu tenho um manancial de anedotas. Lá vai uma:

— Uma vez o partido conservador ao atravessar a ponte sobre o Tejo, viu que avançavam em sentido contrário, depois de votar no pleito eleitoral de Lisboa, os partidários do Partido Social. Então falou assim o chefe dos conservadores:

— Deitai-vos ao comprido no chão, ó plebe vil, para nós como é de tradição e direito, passemos por cima dos vossos corpos imundos.

— Perdão, excelência, não seria melhor tirar à sorte, para ver quem deve passar primeiro?

— Sorte coisa nenhuma. Nós já estamos quase no fim da ponte, e portanto passaremos por cima da vossa carne infecta!

— Somos pobres, Excelência, se o fizerdes sujareis vossos sapatos...

— Então o chefe dos conservadores gritou: — Ele tem razão. Que tal se afogássemos esta canalha nas águas do Tejo?

Assim fizeram. E no silêncio da noite tomaram conta do Terreiro do Paço.

Desculpem. Mas durante os

vinte anos da República de 1910, perdi o respeito por eleições. No entanto, tenho sobre esta mesa inúmeras cartas, principalmente de leitores que me perguntam: — «Se estivesse aqui, no caso de haver eleições, em que partido votaria?». Ou esta: «O senhor é mesmo das esquerdas?». Sou pela democracia desde que tenha como finalidade, a justiça social respondo. E às vezes ainda acrescento: — «O que é preciso é provar que o nosso povo é indestrutível».

Mesmo assim sempre me vem à memória nova anedota. Lá vai, a última, por hoje.

Aí por 1920, lutavam nos campos baldios do então parque Eduardo VII, monárquicos e republicanos. Em véspera de eleição, é claro. Ouvindo os ruidos da briga, um polícia de fatos bigodes indagou:

— Que se passa?
— São monárquicos brigando com os republicanos.

— Não sabia que isso era motivo para tanto barulho! Disse o polícia, afastando-se.

Encontrou um colega que lhe fez a mesma pergunta:

— Que se passa?
— São os talassas (isto é monárquicos) brigando com os formigas (isto é republicanos).

— É espantoso, disse o segundo polícia, onde levam as lutas políticas!

E correndo ao telefone transmitiu ao chefe o que se passava:

— Quem é que está ganhando?

— A desordem é geral, chefe!

— Vocês não tem metralhadoras? Têm? Então matem todos, de ambos os lados, que eu vou aí e proclamo a ditadura. Assim amanhã não haverá eleições.

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28 Apt.º 908, Copacabana, G.B.-BRASIL